Guimarães, 25 de Agosto de 1912

1.º ano—N.º 11

Director: António Dantas, filho
Redactor: António de Souza
Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal
Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

O TESOURO DA COLEGIADA

O futuro museu de arte religiosa

Depois duma *passeata* até Braga, medida que foi a mais perigosa e desarrasoada possível, atendendo ao resultado de anteriores certámenes, como a exposição de Arte Retrospectiva em Lisboa, informam-nos que de novo se encontram no museu da Colegiada todos os objectos valiosíssimos que o constituem e cujo valor artístico e histórico o torna um dos mais notáveis de Portugal.

Pelo aspecto que as cousas tomaram em Portugal, em que de um dia para o outro se tentou subverter os fundamentos seculares duma raça, criando-se concumitantemente o desprêso, senão o desrespeito, pelas glórias do passado, urge não despresar assuntos como o do valiosíssimo museu, para que não possamos ser tidos na conta de cúmplices dum desbarato, que, à face do direito público moderno, é um crime definido. Aquilo que ali está é de nós todos, constitui o nosso orgulho, não pertence ao partido *A* ou ao partido *B;* deve ser defendido, na sua segurança, na sua conservação, no seu respeito, por todos os homens que amam verdadeiramente a terra em que nasceram.

E a verdade é que, conforme actualmente se encontra, não póde aquele museu continuar existindo. O abandôno, a que estão entregues todas as cousas que ao culto se relacionam, faz com que as riquíssimas joias que constituem o museu da Colegiada continuem à mercê do primeiro gatuno audacioso que tente repetir o golpe do museu de numismática da Sociedade Martins Sarmento de que todos nos recordamos.

Torna-se, pois, necessário tomar uma resolução imediata, entregando o assunto ao estudo não de três ou quatro fedelhos ignorantes de predominio político, mas a creaturas que pela sua ilustração, pela sua cultura especial no assunto e ainda pelo muito amor à sua terra, ponham na resolução dêsse problema a maior paixão, a mais infantigável vontade de acertar.

O ideal seria, — quem o nega? — a reunião na Sociedade Martins Sarmento de todas essas valiosíssimas joias, que formariam, com as alfaias dos conventos, agora por ela solicitados ao govêrno, o mais rico, o mais belo, o mais soberbo museu de arte religiosa de Portugal, superior certamente ao criado em Coimbra pelo sr. bispo-conde.

Mas estará a Sociedade em condições de poder constituí-lo nas actuais condições do seu edifício? Não está. Nem salas, nem defesa, tem a benemérita colectividade para criar alguma cousa nesse género, que não fôsse um amontuar desgraçado e nocivo de joias artísticas na primeira saleta a vagar ou em vitrines mal arejadas e pior dispostas. Evidentemente não há espaço, nem sequer, digamo-lo com franqueza, para o museu que lhe foi há dias concedido constituir, se os paramentos e alfaias forem em número, já não diremos grande, mas regular.

Necessitaria, neste caso, a Sociedade de completar a face lateral do seu palácio, construindo assim um ou dois salões onde o museu se instalaria à vontade e em condições dignas de ser visitado. Mas o dinheiro? eterna pergunta que anda nos lábios de toda a gente que neste assunto pode ter interêsse. O dinheiro, respondêmos nós, arranja-se quando se tem verdadeira vontade de o conseguir. Não leva dez anos a pagar mas desasseis? Que importa? Acaso serviria só à geração dêstes primeiros dez anos a lição e o orgulho dêsse formosíssimo museu?

Esta é a única resolução do problema. Somos, como se é hoje em toda a parte, no mundo artístico, contrários à acumulação num determinado ponto, de todas as joias de arte. O perigo sempre imminente dum incêndio pode destruir todas as preciosidades, que disseminadas em pequenos núcleos expositivos se salvariam mais facilmente. Neste nosso caso a hipótese podia ter ainda um coeficiente de correcção, qual era a necessidade de deixar na Colegiada os objectos absolutamente necessários ao culto, que,— queremos crê-lo — não se extinguiu no histórico templo.

Reunam-se todos os homens de boa-vontade e de saber e lancem ombros à obra, que é das que mais orgulho pode dar-nos como filhos de Guimarães.

X.

A nossa e a obra deles

Meu caro...

Vi com assombro a atitude inérgica com que êsse intrépido jornal verberou o procedimento dos nossos republicanos locais por admitirem no seu seio alguns homens que, para crédito da República Portuguêsa e dos seus adeptos, nunca deveriam ter entrada no Centro da Porta da Vila, tal é o seu execrando passado e o seu abominável presente.

Do cantinho da minha obscuridade, louvo com todo o entusiasmo da minha alma de dedicado republicano, essa formidável campanha de saneamento em que o *Lusitano* tam altaneiramente se tem empenhado, e faço votos para que não esmoreça nêsse caminho de Verdade ao fim do qual lhe antevejo uma grande glória que, já sei, não envaidecerá quem nêle trabalha, mas trazer-lhe há o mais vivo testemunho de reconhecimento dêste povo que, se tal pouca vergonha continuasse, se havia de ver obrigado, em grande parte, a fugir de Guimarães.

Sou republicano há muitos anos, porêm tenho até receio de me declarar como tal, hoje que o Ideal porque eu há tanto tempo ansiava é um facto, porque tenho medo de que me confundam com essa corja abominável que desonra, não só quem dela faz gáudio e crê ter nela o seu baluarte de fôrça, mas todos os republicanos desta cidade onde eu conheci, em outros tempos, firmes dedicações pelo partido, quando êle era sonhado de Liberdade e Progresso e não de desordem e bandalheira, como nesta cidade se tem a miudo manifestado.

Conheço, ó se conheço! republicanos com muitíssimo mais direito aos logares proeminentes do concelho, mas êsses velhos e dedicados republicanos, que propagavam há muito tempo a sua política com a mais firme e a mais arreigada das convicções, em vez de reclamarem para si honras e benesses uma vez implantada a República, deixararam-se ficar ignorados, enquanto que uma chusma de imbecis e de idiotas surgia, não se sabe de onde, a emparceirar com os poucos republicanos, ostensivamente visíveis, e risíveis alguns, que ao tempo haviam, para, juntamente com êstes, neste ponto tam idiotas e imbecis como os primeiros, tomarem conta da cidade e do concelho de Guimarães e fazerem disto um feudo de que êles seriam os únicos senhorios.

A parte dêste acontecimento único na história do bom senso e das boas teorias, saem também das alfurjas imundas, onde vegetavam, os esfomeados que teem tantos partidos e tantas políticas quanto sejam os que sobem ao poder, porque para êsses seres sem raciocínio nem vontade própria, a lei imperiosa que os manda é a sua perniciosa ambição de viverem sem grande esfôrço de trabalho, ou de verem realizados os seus doirados sonhos de serem *grandes coisas* nos partidos, quando afinal não são absolutamente ninguêm e não passam de uns ignorantes e farcistas arruaceiros da política — e os senhores dominantes, vendo que lhe fugia o apoio que esperavam do povo, porque êste, escorraçado e vilipendiado pela horda, ficava em uma nobre e muito louvável espectativa, em vez de cotarem os discolos pelo seu valor real e lançá-los à margem ou fazê-los entrar na ordem, tiveram-os em grande aprêço, chamaram-os a si, levaram-os ao Centro da Porta da Vila (então na Misericórdia) fizeram causa comum com êles... e fizeram uma linda obra cavando o seu próprio descrédito e a sua ruina.

Guimarães foi teatro de scenas canibalescas praticadas por êsses histerelhos que, em nome da República que nunca compreenderam, em nome da Liberdade que nunca amaram em nome da Democracia que nunca conheceram, se armaram em tigrinos adeptos duma inquisição arte-nova, moldada nas suas toscas, doentias e felinas imaginações.

E enquanto isto se passava, enquanto a matilha, sempre vil e sempre cobarde, emporcalhava com a lama das suas torvas e bestiais consciências a honra e a tradição dum povo honesto, dum povo nobre, dum povo digno, dedicados republicanos vertiam amaríssimas lágrimas de sangue, por verem os seus planos de paz caídos por terra, os seus intuitos de conciliação deturpados e a sua propaganda desfeita na própria lama jogada pela canzoada recem-aparecida.

Republicanos! E dizem-se republicanos êsses sandeus!!!

Ouvi bem escalrachos:

«Dizer-se republicano em Portugal é dizer-se homem de bem».

Isto se disse em tempos de propaganda; isto ainda se poderia dizer hoje se vós, com toda a vossa malevolência, com toda a vossa ignorância, com toda a vossa ambição, não viesseis deturpar os sentimentos dos bons, as aspirações dos sinceros, os nobres intuitos dos devotados republicanos.

Vós sois o joio no meio do trigo bom, e para que o bom trigo se aproveite é necessário queimar o joio.

Porque um homem de bem não insulta, um homem de bem não escarnece, um homem de bem não ofende, um homem de bem não avilta.

E vós tudo isso fazeis, porque vós não sois, nunca fostes, nunca haveis de ser republicanos.

Sois a ralé, a ralé desprezada e o povo desprezou-vos.

Mas não foi o povo *talassa* que vos desprezou ó zagunchos; foram também os republicanos sinceros, aqueles que em outros tempos fizeram propaganda do sistema liberal e que vós, em outros tempos em que eras servos submissos dos monárquicos, elevastes aos píncaros do Midi.

¿Que me dizeis vós, ó balofos hipócritas, daquele gesto altivo que teve o Dr. Vieira de Andrade quando recebeu os operários do Pôrto no salão nobre dos paços do Concelho?

¿Que dizes vós, lembrando-vos que os vossos senhores de hoje receberam os Orfãos de S. Caetano na rua?

?Que me dizeis vós, ó párias sem arrimo, se eu vos

disser que houve em tempo, já há muito tempo, a quando do 31 de Janeiro, um homem, o Pinto alfaiate que ía para S. Roque fazer comícios republicanos, dos quais vós não tendes a' menor lembrança porque então ou vós andaveis a jogar o pião ou ereis criados eleiçoeiros dos monárquicos?

E que me dizeis vós àquele seu gesto altivo e nobre de querer ficar ignorado, no silêncio da sua tristeza, por vós vires fazer murchar a flor viçosa que êle com tanto carinho alimentava?

Mas continuai, imbecis.

Continuai, idiotas.

Prosegui na vossa *patriótica* obra de destruição da sã doutrina democrática e dos nobres sentimentos de liberdade dos vossos antecessores.

Continuai.

O campo é vosso.

Mas lembrai-vos, tartufos da República, que acima de vós está a Pátria e que o povo, sem distinção de raças ou de políticas, só para ela volve os olhares de interêsse e para vós volve-vos olhares de profundo desprêso.

Continuai, imbecis.

Continuai, idiotas.

E um dia a Pátria vos fará a devida justiça relegando-vos como ignominiosos que sois.

Continuai, continuai.

Que vós continuareis a ser o escárnio da República e a República, sendo sempre o que é, pois nunca deixará de ser o que pensou ser, atar-vos há ao poste do desprêso e mandar-vos há açoutar.

Felix.

O CLERO

Pobre clero! E' perseguido como uma besta-fera. Nele se concentram todos os ódios do partido dominante. E' o *delonda Cartago* de todos os pregoeiros do liberalismo.

Assim como Voltaire, o patriarca e inspirador de todos os ímpios modernos, por ódio satánico a Jesus Cristo e à sua Igreja não cessava de dizer e aconselhar aos que o rodeavam e lhe eram afeiçoados: *Écrasons l'infame, écrassez l'infame* — esmaguemos o infame, esmagai o infame,—assim os nossos senhores da última hora se comprazem em apontar às turbas o padre como o pior estôrvo do progresso.

O lema dêles é a famosa frase de *Gambetta:* «O clericalismo, eis aí o inimigo». E se, como desejava o licencioso *Diderot*, não puderam enforcar o último rei com a tripa do último padre, estão resolvidos a fazer pelo menos ao último padre o que fizeram ao último rei

Nada os preocupa tanto como esta questão que êles designam por vários nomes. Jesuitismo, ultramontanismo, reacção, clericalismo, tudo se reduz em última análise no extermínio do padre.

O padre como o quer a Igreja de quem é ministro, e como êle deve ser, um representante imitativo de Jesus Cristo, não o toleram de modo algum. Mete-lhes mais repugnância do que um cadáver em esgazes de desesperado. Toleram-no, sim, mas desnaturado, transmutado, completamente alheiado da sua missão.

Ora, se há perseguição injusta, é esta que movem ao padre. Quantos beneficios não tem êle prestado à sociedade?

¿Qual seria o estado dessas aldeias e povoações que ficam apartadas dos centros mais civilizados e que estão desprovidas de todos os meios de cultura, se não fôsse a benéfica acção que nelas tem exercido o cura de almas?

Seriam mais uns sertões de selvagens do que rincões duma nação policiada.

¿Quantas privações não sofre o padre nêsses ásperos recessos das montanhas ou dos vales, onde faltam todas as comodidades?

No entanto êle consciente da sua alta missão de evangelizador a tudo se sujeita com uma inalterável paciência. Ele é aí, para me servir das belas palavras de S. Pedro, uma verdadeira tocha a resplandecer num lugar tenebroso: *lucornae lucenti in caliginoso loco.*

E a caridade do pároco? ¿Porque é que os povos teem tanto afecto, tanto apêgo ao seu pároco? Porque êle, embora geralmente seja pobre, sabe repartir do seu pouco com os necessitados, entra sem repugnância nas suas miseráveis arribanas e com sincera dedicação se esforça por minorar os seus sofrimentos.

As esmolas que o pároco distribui, muitas vezes com grande sacrifício da sua minguada bolsa, não são reclamadas nos jornais ou nas praças públicas; ficam quási sempre ignoradas, porque os que as recebem. não raro são ameaçados de não receberem mais, se não quizerem guardar silêncio.

Digam o que disserem os ímpios, os devassos e os maus; o padre, apesar de todas as suas defecções e imoralidades, as mais das vezes notávelmente exageradas pelos seus inimigos pessoais e de religião, sempre foi e ainda é um dos mais poderosos agentes da morigeração doméstica e pública.

Por ocasião da revolução francêsa muitos padres se viram na necessidade de emigrar. A nação que recebeu o maior número, foi sem dúvida a Inglaterra. E' de crer que nas vésperas daquele grande acontecimento o clero também tivesse participado mais ou menos da corrução que trasbordava por toda a parte.

Pois, apesar disso, a grande maioria ficou indemne e os que se refugiaram em Inglaterra, nação protestante e porisso inimiga do clero católico, para logo conquistaram a estima pública.

Naquela grande nação o celibatário é vigiado com especial cuidado; e, posto que seja chamado como médico, cirurgião ou professor para prestar os serviços correspondentes, não passa do limiar da porta.

Pois com o clero católico bem depressa acabou esta reserva e os padres francêses emigrados começaram a ser admitidos nas casas mais respeitáveis sem a mínima desconfiança.

Hoje também há em Portugal quem faça ao clero as mais aviltadoras acusações, sobretudo em matéria de honestidade.

Pois eu peço a êsses censores de vistas turvas, que indiquem a classe da nossa sociedade, que possa atirar a primeira pedra ao clero. Agora bem pode dizer o padre como o salmista: «Olha como os meus inimigos se teem multiplicado e com ódio injusto me tem aborrecido.» (psal, 24, v. 19).

P. A.

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

CONTINUANDO

¡Em Guimarães não há «complots» monárquicos!

Isto disse-se e escreveu-se neste jornal, e continúa a dizer-se e a escrever-se aqui enquanto provas do contrário não aparecerem à supuração.

O facto de aparecerem nas Taipas 6 bombas explosivas, uma das quais carregada, embora de feitio e tamanho capazes de aterrorizar um touro, poderá provar que havia monárquicos nas Taipas mas daí até provar que havia «complots» monárquicos, quer nas Taipas quer em Guimarães, vai uma distância immensa.

Como «complot» é uma palavra francêsa, e nós não percebemos nem patavina de francês, não sabiamos bem o seu significado; mas, desde que a *Alvorada* cá da terra explica que «complots» monárquicos são *núcleos armados de traidores*, continuamos na nossa até que êsses núcleos apareçam, e mais as armas, e mais os traidores.

De resto, pensando assim, pensamos como a *Alvorada* já dita no seu número seguinte à incursão, que se saíu com esta lambedela de botas:

"Nesta hora de decisão em que o exército da República, animado pela alma antiga dos heróis, sacode em linha de fogo essa horda de miseráveis e traidores sem ideal nem fé, é grato ao nosso coração de patriotas e de vimaranenses ver a terra de Guimarães entregue à acção laboriosa e fecunda do trabalho, oferecendo assim ao País exemplo admirável de ordem, de civismo e de amor nacional.,,

Como o Povo, que já a conhecia, lhe quebrou os dentes com a biqueira da bota, desata a gritar com insana fúria: — prende que é traidor.

Tem-se dito e tem-se escrito muita coisa, mas o que hoje aqui se escreve, pela primeira vez, apesar de por aí se ter dito muito, é que por felicidade da República e nossa, temos aí à frente da investigação sôbre crimes políticos um homem de bem, o Ex.mo Sr. Tenente Valdez, que, mau grado de certas individualidades democráticas, só sabe fazer justiça, o que lhe tem já acarretado o pitoresco epíteto de *talassa*.

Os desejos de ruins vinganças são muitos, mas S. Ex.ª não está disposto a transigir com intuitos encapotados e com baixezas de sentimentos, pois presa a dignidade do seu nome, porque, se S. Ex.ª fôsse a dar ouvidos aos que lhe vão lá com listas e com vagas indicações, estariam presos metade dos habitantes de Guimarães.

Isto diz-se, escreve-se... e prova-se.

Vagueando

Já sabia que todo o caloteiro,
quando não quer pagar,
Foge do credor qual reles rafeiro
se raspa ao taberneiro
C'o bacalhau que tinha para assar.

Eu nunca tinha visto. Por acaso
há pouco tempo ainda,
nas ruas da cidade,
Fui arrastado, eu vi-me no Parnaso
ao presenciar então
um semelhante caso.

Achei tal poesia ao corpo encolhido
do devedor fatal
que me senti maguado!...
Eu ria-me encarando-o, êle transido
par'cia meu rival
Andando de vagar, quási parado.

Deitava-me uma vista da parede
por onde ía colado
que não sei descrever!...
Falei aos meus amigos.—Olhai, vede
um homem liquidado
por não saber viver.

Já foi um meu amigo, mas um dia
mostrei-lhe uma franqueza
das muitas que já fiz:
Roubei-lhe num momento a alegria...
Passa por mim e troce-me o nariz!...

A culpa só foi minha
que lhe emprestei dinheiro!
Dei arma ao assassino!
eu fiz um caloteiro!

Êle já era um 'scroc
eu fí-lo mentiroso!
A auxiliá-lo corri,
voltou-se desdenhoso.

Quando passa por mim,
como vedes agora,
parece um condenado
levado barra fora...

Quereis ter um amigo,
amigo verdadeiro?
Atirai-me dois coices
ao pedir-vos dinheiro.

Se eu assim fizesse
àquele figurão,
não tinha contra êle
uma unica alusão!

R. E.

MAIS UM TRIUNFO!!

Sempre vencedoras em todas as corridas, as Bicicletas «DERBY» acabam de alcançar mais um triunfo ganhando os 7 primeiros premios nas corridas de resistência *Louzada—Penafiel—Paredes!*

Vendem-se em Guimarães—Toural, 105—**Loja do Benjamim.**

Pelos animais

No concurso inter-escolar um aluno da Escola Central apresentou uma prova que principiava assim:

«Aquele que destroi um ninho não pode considerar-se um bom cidadão. Destruir um ninho denota baixa índole e mau carácter.»

O' menino, olha que com isso ofendes a sensitiva *Alvorada* que pedia há dias a destruição dos ninhos que inocentes pardais fizeram aos lados das carrancas do frontispício da Sociedade Martins Sarmento!

Credo! A *Alvorada* pode lá ter baixa índole e mau carácter?!

Não, rapazote, a *Alvorada* é uma boa *cidadoa.*

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratíssimos.

Diabo-negro

Tanto neste, como no número passado faltaram-nos as comunicações dêste personagem.

A' última hora recebemos a seguinte carta:

Viva!

Peço diga aos meus caros e amáveis leitores, que ainda desta vez não posso ir ter com êles, porque estou atacado por um enorme pesadelo, que nem sequer me deixa respirar.

Trata-se, nem mais nem menos, dos nunca assaz cantados «complots» monárquicos de Guimarães.

Trago toda a minha polícia em serviço de descoberta, mas ainda não recebi todos os relatórios.

Já cá tenho alguns que são de deitar as mãos às ilhargas, e rir até virem os peixeiros.

Logo que os recolha todos, aparecerei.

Viva segunda vez e mande

v... etc.

Diabo-negro.

Grotescos

Não sei, leitor, se sabias
que, se te não descobrias
ao hino nacional;
levavas tanta lambada
e te punham numa assada
o teu corpinho mortal.

Pois caríssimo leitor
veio agora a teu favor
um manifesto volante
que veio meter nos eixos
o vício do *quebra queixos*
ao zezinho ignorante:

Um grupo de homens mais tesos,
que nunca foram obesos,
protestaram com lhaneza
contra a bordoada à toa
que se apanhava em Lisboa
ao tocar da portuguêsa.

E os governantes disto
já disséram ao Calixto
que haviam de melhorar
as condições de se ouvir
esta portuguêsa a rir
em vez de sempre chorar.

Mas justo mais me parece
que o govêrno nos desse,
para nos livrar da *russa*,
em vez dum longo decreto
seja atabalhoado ou recto,
uma excelente car'puça;

Pois visto ser o chapeu
causa de tanto escarceu
não vale tanta aflição!...
E basta uma ordem haver
p'ra que quem chapeu tiver
o leve à administração.

Tirteu.

P. S.—Nos meus últimos grotescos
(o leitor já adivinhou)
a gralha que me escapou
peço emendem por favor

.....

Ao mostrar o seu civismo
borbolhava-*lhe* o pulhismo
à tona do seu rancor.

Tirteu.

PELA VERDADE

Com êste título publicou ontem a «República» um artigo assignado pelo sr. dr. António José de Almeida, que fêz certa bulha no nosso meio político pelas opiniões nele insertas. Limitamo-nos a transcrever alguns pedaços do que escreveu o ministro do interior do govêrno provisório:

«Sem dúvida, que um castigo exemplar tinha de ser dado aos homens alucinados, que vieram perturbar o nosso esfôrço de regeneração nacional. Mas severidade não quer dizer desumanidade nem crueza, e é mais do que tudo isso o regímen penitenciário aplicado a criaturas que, ou se bateram por motu-próprio e desvairadamente por uma ideia, ou tolamente se deixaram arrebanhar por caciques, para uma empresa maléfica, cujo alcance não compreenderam. Também, entre os prêsos, há malfeitores de profissão, que, embora sob o rótulo político, só deram vasão a instintos canibalescos. Não os exclúo, porque, não se pode argumentar e como compensação conservam-se cá fora, julgados e condenados, facínoras de toda a espécie, que, mediante perdões ou escandalosas padrinhagens, são mais felizes do que os criminosos políticos, que, em todas as partes do mundo culto, tem regalias sôbre os condenados de delitos comuns. Não contando, é claro, com a minha opinião formalmente contrária ao regimen penitenciário para toda a espécie de criminosos.

Agarrar um homem que se bateu pelas armas, embora com as agravantes que são reconhecidas nos actuais conspiradores, raparlhe o cabelo e a barba, envergarlhe um uniforme, pôr-lhe um número, enfiar-lhe um capuz infamante na cabeça, cortar-lhe abruptamente as relações com o mundo exterior é praticar a suprema expressão do castigo. O que deixam então para os incendiários e para os envenenadores? o que reservam para os parricidas?

Porque tratam assim os criminosos políticos? Porque é a República que governa? Mas, nesse caso, gostariam os republicanos de ser tratados da mesma forma se fôsse a monarquia que mandasse?...

Eu bem sei que certa lógica de encruzilhada me saltará sôbre as espáduas, como uma fera, bradando: «Cala-te reprobo; deves saber que a República é a verdade e a monarquia a mentira». Sim, sómente nós protestamos e nos revoltamos quando os nossos adversários, exclamavam, em tempos que a monarquia era a justiça e a República era o embuste. E todavia, mesmo no tempo de João Franco, nós, republicanos, não chegamos a ter o cabelo rapado, nem os nossos olhos, para se moverem sôbre as palpebras, tiveram de reagir contra viseira de lona da carapuça dos penitenciários. E quando foi de 31 Janeiro só um vencido, o cabo Salomé, deu entrada na penitenciária, e êsse mesmo, porque lhe assacaram circunstâncias especiais, que não lograram aliás atenuar a onda de revolta que a monstruosidade despertou em todo o país.

.....

Diz-se para aí que o povo de Lisboa não tolerará que aos prisioneiros seja levantado o regimen penitenciário! Engano estúpido ou calúnia vil! Se o povo de Lisboa é êsse que fêz a república e a tem sabido defender por ela se sacrificando, eu respondo já em seu nome, garantindo que êle, querendo um castigo exemplar para os conspiradores, não reclama o regímen penitenciário, que vai sendo reprovado, em todo o mundo civilizado, para os próprios assassinos. Agora se êsse povo é a escumalha de aluguer, que em todos os tempos aparece à babugem dos acontecimentos, êsse talvez reclame a penitenciária... para comprometer a república.

.....

Não! Não pode ser. Isto é tudo um equívoco ou um caso de fôrça maior que o govêrno vai fazer terminar, antes que em todo o país se levante um protesto que deixe mal ferida a república.

Dir-me hão que é a lei. *Dura lex, sed lex!* Sim, será a lei, mas ela também indica a alternativa do degredo. E a monarquia tinha a mesma lei e encontrou meio de lhe limar a asperesa brutal. De resto, se o govêrno não pode intervir no caso que o faça quem poder.»

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à **Loja do Benjamim**, ao Toural, que é a única casa que as tem, nesta cidade, da reputada e garantida marca **Derby** 1912. *Bicicletas desde 22$000 a 50$000 réis.*

Um talassa

Do sr. Alpoim na carta do «Janeiro»:

«Na assembleia da Federação Socialista em Bruxelas, sustentando que o seu partido era obrigado a defender-se contra o clericalismo, mas que nesta legítima defesa muitos socialistas excederam os limites e substituiram à luta contra as pretenções da Igreja a luta contra o sentimento religioso, disse o grande chefe socialista Vandervelde:

«Quantas vezes não tenho lamentado que o pensamento socialista se detenha no seu caminho, demorando-se em preocupações de anti-clericalismo? E tenho sofrido quando os nossos operários, em vez de cantarem os belos hinos socialistas, só se entretinham a cantar: — «Abaixo a sotaina!» Nas nossas Casas do Povo, onde o Cristo tem o logar de honra, sofro quando ouço cantar palavras ultrajantes e duma abominável estupidez.»

Ora aqui está um socialista que se viesse a Portugal não chegaria a ser visto pelos adeptos do sistema.

Antes de pôr pé em terra havia de encontrar um afonsista que o lançaria ao Tejo.

Lá para fora, *talassão!*

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

NA MESMA

Da Carta de Paris para o "Notícias":

«Acaba de ser publicado um novo «placard» da Société des Estudes Portugaises de Paris», afim de fazer bem conhecida a sua obra patriótica em prol de Portugal no estranjeiro.

Nunca tendo obtido o mínimo apoio oficial nem outrora dentro da monarquia nem hoje dentro da República, porque os governos do nosso país teem o máximo horror de toda a iniciativa individual que não tenha a chancela oficial ou oficiosa, isto é que não esteja sob as garras opressoras do Estado».

Prova real: quartel general em Abrantes e tudo como dantes.

Se cá por dentro é o que se sabe, lá por fora é o que se lê.

Cão que ladra...

Veem dizer-nos pessoas que se interessam por nós, que José Ferreira tem dito em diversas partes, (mas ó que partes!) que vai querelar o *Lusitano* por ofensa à sua dignidade de *cavalheiro* e *homem de bem*.

O' meninos! Cá não há tempo, espaço, e cera, para gastar com tam ruim defunto.

Pela nossa parte ponto na conversa e que venha a querela porque no tribunal, ainda hão de haver... muitas coisas para nos entretermos.

Não morreremos... de medo, se Deus quizer.

Sempre os mesmos

Os espíritos pequeninos que nos odeiam por nós estamparmos aqui as verdades, que lhes doem como em outro tempo os puchões de orelhas dos papás, até se esquecem de saber ler quando querem dizer que mentimos.

Acêrca do nosso artigo dirigido ao Ex.mo Sr. Tenente Valdez, na parte referente à partida para o Comício de Ronfe, dizem que nós mentimos porque não ia lá a bandeira do Centro e que, portanto, Ferreira não a empunhava.

Mas, ó loiros infantes! ¿quando é que nós aludimos à bandeira do Centro?

Reparai novamente e vereis que no artigo em questão se fala em uma bandeira nacional que, pequena ou grande, com pau comprido ou curto, não deixa de o ser pois tem no centro as armas portuguêsas, e num comício de propaganda, e portanto num acto oficial do partido, tem seu significado especial.

E afinal, bem vistas as coisas... se não era a bandeira do Centro era filha, pois não nos consta que o Centro adopte, como bandeira oficial, outra que não seja a nacional.

Mas êles são assim...

O BENJAMIM, ao Toural 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicicletas das seguintes marcas: *Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius* e *Kirmer-Dura* que vende desde 22$000, 35$000, 40$000 e 50$000, postas nesta cidade sem mais despesas.

CONTRASTES

Da *Alvorada* de 1 de Agosto:

a)

Festa desportiva

Em excurção a esta cidade, o Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga, gentilmente realiza, com as 110 crianças de que se compõe, uma interessante festa desportiva, pelas 16 horas, publicando-se oportunamente o programa e local. Chegam à Estação do Caminho de Ferro, pelas 11 horas, sendo recebidos na Câmara Municipal.

b)

Marcha Milanesa

Feerica, original surpreendente esta Marcha de apoteose e saudação aos forasteiros, organizada com a colaboração entusiástica da classe dos empregados do comércio e que tanto e tam justificado sucesso tem feito, mercê do gôsto artístico do querido vimaranense José de Pina, professor de desenho.

Além dos grupos de rosas, mal-me-queres, papoulas, cisnes, patos, galos, pombas, suinos, macacos, perús e figuras... à falta de outros bichos, farão parte do cortejo luminoso 3 carros:

O Chantecler—Deus da moda.
O Mefistófles—Deus da lenda.
O Amor—Deus da saudade.

Músicas, fogos de bengala, garridice, sonho...

c)

Da mesma de 8:

Festa desportiva

Terá logar no jardim público, pelas 17 horas, ostentando êste adornos e flâmulas.

PROGRAMA

Que obsequiosamente a direcção e provedoria do Colégio dos Orfãos de S. Caetano, de Braga, oferece como homenagem à cidade de Guimarães.

CONTRASTANDO:

a) e b)

Primeiro, era uma gentileza que custou a bagatela de réis, 150$000 segundo nos dizem.

Depois, uma homenagem à cidade de Guimarães a 200 réis por cabeça... para os homenageados.

No fim, sim, no fim... é isto que a *Alvorada* diz:

—Os Orfãos de S. Caetano não vieram, deixando de realizar-se, por isso, a festa desportiva.

Mas então isto são contractos entre homens, ou brincadeiras de rapazes?

c)

Diz a *Alvorada:*

—A *Marcha Milanesa* foi brilhantíssima, embora mal organisado o cortejo.

A má vontade a saltar ao de cima como as rãs no verão.

Ah! *Pela Grande Comissão, Pela Grande Comissão!*

E depois, nós é que temos trabalhos de sapa, e linguagem jesuítica...

Se fôssemos a dizer tudo... até do concêrto pela banda de infanteria 20...

E se Pela Grande Comissão chamasse às coisas pelo verdadeiro nome...

Valha-nos Deus que bem pode.

Comprai os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

Festa da Cidade

As "Gualterianas,,

Agradecimento

A' Comissão Municipal Administrativa; ao sr. Reis Pôrto, director do Caminho de Ferro de Guimarães; ao Administrador do Concelho sr. Guilhermino Rodrigues; ao sr. dr. Manuel Monteiro, Governador Civil do distrito; ao sr. dr. Alfredo Pimenta, secretário do ex.mo Ministro do Fomento; ao sr. Bernardino Jordão, director da Fábrica da Luz Electrica; à direcção da Associação dos Empregados do Comercio; ao director do Internato Municipal sr. José de Pina; ao sr. Bento de Oliveira, Provedor do Colégio dos Orfãos de S. Caètano; à comissão organisadora da Batalha de Flores; aos autores dos projectos das iluminações; às comissões de júris; aos subscritores; a todos, finalmente, quantos cooperaram na realisação da patriótica Festa da Cidade, a comissão delegada da Associação Comercial muito e muito reconhecida agradece.

Guimarães, 19 de agosto de 1912.

Pela Grande Comissão,

António Lopes de Carvalho.

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas, acessorios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a peso, panos para enxovais, guarda-sois, etc., é a LOJA DO BENJAMIM —Toural, 105.

Teatro Gil Vicente

A *Companhia Dramática Portuguêsa*, da direcção de Correia Peixoto e da qual fazem parte, segundo o que nos dizem, artistas de merecimento de vários teatros de Lisboa e Pôrto, leva hoje à scena a peça de grande espectáculo em 4 actos: **João José.**

Desejamos que tenha uma casa à cunha.

Curso de francês

Acaba de estabelecer-se nesta cidade um curso de francês, para ambos os sexos, dirigido pelo conhecido professor parisiense MR. BARTHÉLÉMY EUGÉNE.

O mesmo professor dá lições particulares em casa dos alunos a preços convidativos.

O curso acha-se instalado numa das salas do Liceu e principia às 21 horas.

Dinheiro a juros

Empresta-se 1:000$000 réis por escritura com hipoteca.

Nesta redacção se diz.

Casa no Toural

Aluga-se o n.º 27 com todas as dependências, incluindo cosinha, celeiro e adegas. Tem também entrada pelo Largo de S. Paio n.º 27.

A' generosidade dos nossos leitores

Chamamos a atenção dos nossos estimáveis leitores que se dedicam ao exercício da caridade para um infeliz estudante com o curso de teologia que se encontra gravemente enfermo não tendo sua mãe meios alguns para o tratar.

Móra na rua de Camões, 93 onde qualquer auxílio irá enxugar lágrimas amargas da mãe aflita.

Quinta

Vende-se uma, bem situada, na freguesia de Gandarela, conhecida pelo nome de Quinta de Covelas, produzindo ao todo, regularmente, dez pipas de vinho e oito mil litros de cereais.

Tem morada para senhorio e caseiro.

Para tratar com Arnaldo Machado de Faria, morador em S. Miguel das Aves, concelho de Santo Tirso.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico

Luís Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia. ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

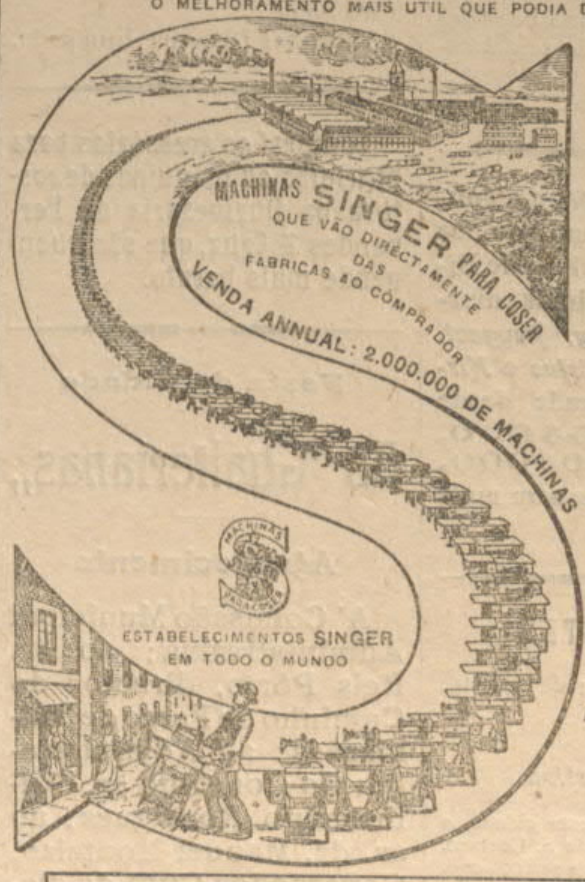
Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. ✻ ✻ ✻ **Trabalhos perfeitos e rápidos.**

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edifício dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Ano (sem estampilha)	1$200 rs.
Semestre	600 „
Trimestre	400 „
Pelo correio acresce o porte.	
Número avulso	30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição por linha	20 „
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra

(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.mo Sr.